

DEUS DO DESERTO, DEUS DO VALE: a Geografia como ponto de partida para a compreensão do fenômeno religioso

GOD OF DESERT, GOD OF VALLEY:
the Geography as a starting point to comprehend religious phenomenon

Joachim Andrade^()*

RESUMO

A Geografia da Religião – segmento da Geografia e das Ciências da Religião que analisa a relação entre o meio ambiente, os indivíduos e a construção do universo religioso – é utilizada neste artigo para demonstrar como as religiões mais populares do mundo moldaram seus paradigmas a partir do ambiente geográfico. Grandes ambientes geográficos – a saber, o deserto e as terras férteis associadas a rios – estão diretamente relacionados, por exemplo, à atitude da divindade para com os homens e às demandas destes face ao sagrado. O autor pretende demonstrar que da detecção dessas relações nasce um novo e promissor caminho para o diálogo inter-religioso.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia da Religião. Deserto. Terra fértil. Diálogo Inter-religioso.

ABSTRACT

The Geography of Religion – is a part of Geography and of the Sciences of Religion, which analyses the relationship between the environment, the individuals and the construction of the religious universe – has been utilized in this article to demonstrate how the popular religions of the world have molded their paradigms from the perspective of geographical environment. The greater geographical environments like, the desert and fertile lands which are associated to the rivers are directly related, for example, the divine attitude in relation to the humans and the demands of humans in front of the sacred. The author tries to show that from these relations a new concept is born, a bright new way for the inter-religious dialogue.

KEYWORDS: *Geography of Religion. Desert. Fertile lands. Inter-religious Dialogue.*

^(*) Doutor em Ciências da Religião pela PUC-SP, Brasil. Nascido em Mangalore (Índia), é sacerdote da Congregação dos Missionários do Verbo Divino. Graduado em História e Literatura Inglesa pela Universidade e Mysore e em Filosofia e Teologia pela Faculdade Jnana Deepa Vidyapeeth, na Índia. Mestre em Antropologia Social (UFPR, 2003). Atualmente é professor na Faculdade Vicentina de Curitiba e na Faculdade Católica de Uberlândia. Também é coordenador provincial da Congregação do Verbo Divino da Província Sul. E-mail: joachimandrade@terra.com.br

INTRODUÇÃO

De modo geral, entendemos Geografia como a ciência que estuda as características da superfície da Terra, os fenômenos climáticos e as interações do ser humano com o meio ambiente. Seu estudo – que faz uso de diversos métodos matemáticos e tecnológicos – possibilita uma melhor compreensão do planeta e orienta a tomada de decisões. Recentemente, graças ao avanço científico, começaram a ser utilizados satélites para o estudo mais preciso, verificação de mudanças na vegetação e avaliação dos impactos da ação humana sobre o ambiente.

Um dos conceitos básicos utilizados nessa ciência é o de *paisagem geográfica*, definido como conjunto de estruturas naturais e sociais de um determinado lugar no qual desenvolve uma intensa interatividade, seja entre os elementos naturais, entre as relações humanas e desses com a natureza. Geograficamente, paisagem é tudo o que podemos perceber por meio de nossos sentidos, em especial a visão.

É importante estabelecer a distinção entre paisagens naturais (montanhas, rios, mares, florestas, entre outros) e paisagens culturais, que são o resultado da ação antrópica (pontes, portos, ferrovias, túneis, estradas e cidades). A variação de cada elemento determina a configuração de uma paisagem. O clima quente e úmido, por exemplo, produz florestas com grande biodiversidade; em contrapartida, nas zonas polares a biodiversidade é menor. As paisagens culturais podem ser divididas em rurais e urbanas. A primeira é formada pela atividade agropecuária (propriedades rurais, fazendas, chácaras e sítios). A segunda é constituída por elementos urbanos (ruas, avenidas, praças, viadutos, prédios) e é caracterizada por uma maior concentração de habitantes.

A Geografia da Religião é o estudo que procura analisar o impacto da geografia, ou seja, do espaço físico e cultural, na crença religiosa. A partir do estudo das inter-relações entre paisagem e religião foi desenvolvida essa disciplina, na qual os conceitos da Geografia e da Religião são mutuamente influenciados. A partir dessa relação mútua, acabam imbricados três valores solidários, como aponta Gil Filho (2009, p.93) em um artigo que cita Grabar¹:

¹ A citação é tirada do livro do Grabar O. *O sentido do sagrado. O Correio da Unesco*, Rio de Janeiro, ano 16, n 10, p. 27-31, out, 1988

- a) O espiritual, que congrega os significados místicos e éticos atávicos da religião, os quais simbolicamente se refletem em forma material, imagem e prática social;
- b) O cultural, que emerge dos costumes e das práticas sociais, conferindo o seu caráter de representação; remete à consciência do seu passado e à situação geográfica;
- c) O estético, a forma de expressão e a imagem inspirada em valores religiosos, caracteriza-se por grande diversidade, pois, além do aspecto geográfico, é influenciado pelo contexto histórico do local.

Podemos entender, portanto, como afirma Gil Filho, que a Geografia da Religião é uma disciplina que estuda a imagem cultural da religião tirada do mundo perceptual e fenomênico constituído de marcas pictóricas que fazem parte de uma determinada paisagem geográfica (2009, p. 93).

Há poucas obras que tratam do assunto. Algumas merecem menção, como *Geography of Religion: Where God Lives, Where Pilgrims Walk*, uma publicação da *National Geographic Society* com diversos autores, entre os quais o prêmio Nobel Desmond Tutu. Esta obra aborda as cinco grandes religiões: Hinduísmo, Budismo, Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, explorando as regiões geográficas do seu nascimento, áreas e culturas onde esses sistemas religiosos floresceram. Analisa, também, a difusão dessas crenças ao redor do mundo, seus conflitos de sobrevivência e tradução dos seus conteúdos a outras regiões e culturas. Ensina, por exemplo, significado do banho no rio Ganges para um hindu; o que significa para um budista reverenciar a estátua de Buda, o Iluminado; para o muçulmano, peregrinar à Meca e, para os cristãos, acolher o martírio com tranquilidade. Os autores refletem a vivência e o estudo de sua fé, revelando as Escrituras Sagradas e os ritos. Além disso, apresentam a história religiosa e doutrina de cada tradição, mostrando as imagens dos fiéis em oração e os locais de celebrações (templos, mesquitas, igrejas e sinagogas).

Outra publicação, *The Geography of Religion: Faith, Place, and Space*, de Roger W. Stump, apresenta um panorama geral do estudo da religião abordando especificamente o lugar e o espaço do desenvolvimento da tradição religiosa. O autor desenvolve uma ampla discussão sobre a doutrina religiosa, crença, ritos e práticas religiosas. Seu estudo comparativo é cheio de exemplos, desde as grandes tradições religiosas atualmente existentes até tradições desaparecidas. Stump considera as interações históricas e contemporâneas entre a religião

e os fenômenos sociais, políticos e culturais. Também aborda as práticas e crenças religiosas dentro do conceito do lugar e espaço.

Um olhar antropológico nos sugere que um vasto conteúdo moral, espiritual e ritualístico das tradições religiosas é proveniente de determinados contextos geográficos. A construção dos centros sagrados e lugares de peregrinação, assim como a elaboração dos ritos e a prática de determinados costumes fornecem uma ideia clara da relação da religião com a paisagem na qual ela nasce. Portanto, neste artigo, pretendemos apresentar e analisar a paisagem religiosa tomando como ponto de partida a Geografia. Não pretendemos elaborar extensivamente os conteúdos de cada tradição religiosa, uma vez que eles receberão um tratamento específico nos artigos deste dossiê. O nosso interesse é focalizar as fontes de onde cada tradição religiosa extraiu seu conteúdo e por quê. Como e de onde os escritores dos livros sagrados obtiveram o material inspirador para elaborar a ética, a espiritualidade e a moral que, daí por diante, viria a nortear os adeptos desses sistemas religiosos.

Em primeiro lugar, apresentaremos as relações dos seres humanos com as regiões geográficas como possíveis fontes inspiradoras do fenômeno religioso e também dos conteúdos de diversas tradições religiosas, possibilitando a contemplação de paisagens que deram origem a algumas delas. Em segundo lugar, analisaremos os contextos míticos, históricos e geográficos que determinaram a elaboração das divindades, lugares sagrados, templos, ritos e práticas morais e espirituais de cada tradição. Por fim, faremos um paralelo de viés antropológico entre dois grandes ambientes geográficos, o deserto e a da terra fértil, no qual se nota a importância da geografia na constituição e difusão das matrizes de nossas tradições religiosas. Muitas religiões não serão contempladas neste dossiê, embora possuam enorme valor e possam também ser lidas à luz da Geografia da Religião. A opção por uma análise de escopo reduzido deve-se, fundamentalmente, a uma necessidade de adequação ao número de páginas disponíveis à publicação.

1 O SER HUMANO E SUA RELAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE

O ser humano em sua relação com o ambiente geográfico no qual se encontra inserido pode ser a chave de leitura para a análise que pretendemos desenvolver. A diversidade cultural, religiosa e étnica aponta para a diversidade geográfica que o próprio planeta Terra nos fornece. O viés antropológico deve ser utilizado para realizar a leitura do ambiente geográfico.

A relação do Homem com a natureza ou especificamente com a região geográfica é invariavelmente ambígua. A tendência moderna da relação é de dominar, usufruir e explorar o meio ambiente, muitas vezes definido como “soma de recursos naturais”. A descoberta das leis da natureza poderia conduzir os seres humanos a uma vida que se constituísse em harmonia, equilíbrio e conformidade com o meio. A produção e o consumo ilimitados, porém, têm conduzido à destruição desenfreada da natureza, a ponto de deixar-nos preocupados com o futuro da Terra em sua condição de moradia para a humanidade. Nos últimos anos, os movimentos ecológicos em defesa da Terra abrangem diversas linhas de ação. Alguns se concentram em denunciar exploração injusta e levam a discussão para o plano da justiça, da ética e da moral. Outros se inclinam à reflexividade, pois a Terra parece estar se tornando imprópria à vida humana pela destruição do equilíbrio químico e pela exploração e devastação não planejadas das reservas naturais. Outros, ainda, vêem a Terra como um ser vivo que devemos respeitar.

Os estudos apontam que nos tempos antigos a relação ser humano x natureza era harmoniosa. Todas as tradições religiosas apresentam formas que deveriam nortear essa relação. As sagradas escrituras de diversas tradições religiosas referem-se a uma íntima relação com o meio geográfico. Os sábios que formularam os textos sagrados eram observadores profundamente sensíveis ao que acontecia à sua volta. Essa atitude de contemplação atenta levou ao desenvolvimento da mística. Como afirma Anagarika Govinda,

O sábio sabe como ouvir as melodias, observar aquelas visões, sentir aquelas vibrações, e ser carregado pelas grandes correntezas rumo ao infinito. Para ouvir, ele deve estar em silêncio, para ver, deve fechar os olhos para as formas externas, para sentir o ritmo cósmico, deve prender sua respiração e dominar seu coração – e para sentir-se carregado pelas eternas correntezas, deve deixar seus desejos egoísticos (GOVINDA, 1999, p. 2)²

Dois exemplos podem clarear a noção: o primeiro é da Bíblia, no trecho em que Deus se dirige aos recém-criados seres humanos: “Sejam fecundos, multipliquem-se, encham e submetam a terra; [...] Vejam! Eu entrego a vocês todas as ervas que produzem semente e estão sobre toda a terra. E todas as

² The wise know how to listen to the melodies, how to watch those visions, how to feel those vibrations, and how to be carried by the great streams into the infinite. In order to hear, he must be silent, in order to see he must close his eyes to the external forms, in order to feel the cosmic rhythm he must arrest his breath and master his heart – and in order to be carried by the eternal streams he must give up his selfish desires. (GOVINDA, 1999, p. 2)

árvores em que há frutos que dão semente: tudo isso será alimento para vocês” (GÊNESIS, 1,28-29). Nesse texto bíblico, observamos que a harmonia do ser humano depende da qualidade da relação que ele estabelece para com a região geográfica. O segundo exemplo encontra-se no *Bhagavad Gita*, escritura sagrada do Hinduísmo, que remete para uma ideia de que o mundo vibra com a presença de Deus, posto que é considerado como extensão do corpo do próprio Deus. O texto apresenta, no campo de batalha, Krishna, um dos avatares de Deus, dando orientações a Arjuna: “Ó Arjuna, tudo o que quiseses ver, contempla imediatamente neste Meu corpo. Esta forma universal pode mostrar-te tudo o que agora desejes ver e tudo o que queiras ver no futuro. Todas as coisas – móveis e inertes – estão aqui completamente, num só lugar”³. (BHAGAVAD GITA, 10, 7) Esses dois textos apontam para uma ideia de uma relação íntima do ser humano para com o meio ambiente no qual se encontra inserido. A partir dessa inserção ele assume a responsabilidade, elabora conteúdos sociais, morais e espirituais, constrói visões e significados para sua vida. Ao mesmo tempo, toma consciência de que a qualidade de sua vida depende da relação harmônica que mantém com a natureza.

A natureza é variada, portanto o processo relacional do ser humano com ela também é variado. Recorremos à tradição tamil⁴, uma das mais antigas do Sul da Índia e que pode ser o ponto de partida para nossa abordagem. De acordo com essa tradição, toda a Terra encontrava-se dividida em cinco regiões⁵: montanha, floresta, campos férteis, costa e deserto árido. Cada tipo de terreno sustentava fauna e flora características, assim como modos de vida e de sobrevivência próprios. Essas regiões condicionavam os modos como as pessoas viviam e as emoções que expressavam. Partindo dessas contingências, cada

³ Existem dois épicos na tradição hinduísta, o “Ramayana” e o “Mahabharata”. O primeiro trata da eventual vitória do Bem sobre o Mal, e o segundo de uma guerra (da qual Krishna participa diretamente) travada entre primos pela posse de um território. O “Bhagavad Gita” (“A Suprema Canção do Senhor”) é último capítulo do épico “Mahabharata”. É considerado uma espécie de “Novo Testamento” do Hinduísmo. Também conforme o Hinduísmo, quando a terra apresenta muita violência e desordem, Vishnu (a segunda pessoa da tríade hindu, o Deus preservador) assume a forma animal, semi-humana ou humana para devolver a ordem à realidade. A crença hinduísta afirma que ele assumiu até agora nove formas – três formas animais, uma semi-humana e cinco humanas. Entre todas, a de Krishna – que manifesta Deus em sua totalidade - é a mais importante.

⁴ A palavra “tamil” ou “tâmil” possui múltiplos significados: 1. Indica o povo que vive em um dos Estados da Índia chamado Tamil Nadu; 2. O povo dravidiano, que foi expulso do norte da Índia pelos ários para sudoeste e sul e também para o Sri Lanka; 3. A língua mais antiga da Índia, atualmente falada nas porções sudoeste e sul do país e também no Sri Lanka.

⁵ É evidente que a tradição tamil, não aponta para paisagens como a do gelo da Sibéria ou dos altiplanos da Patagônia.

região elabora um universo cultural que favorece um gênero especial de relação amorosa, um estilo musical particular e até mesmo os aspectos da divindade. Por exemplo: as montanhas promovem a união entre os amantes; as regiões florestais encorajam a vida em comunidade; os campos férteis fornecem ao mesmo tempo o contexto para a infidelidade e para o enfado; a região costeira evoca a separação do amante distante; e o deserto aponta para as dificuldades encontradas pelos casais em fuga, separados de seus pais.

O desenvolvimento da cultura nos mostra que cada uma dessas regiões abrigou a civilização desde tempos imemoriais e que o ser humano era obrigado a manter o contato com todas elas, o que, por sua vez, possibilitou a elaboração de distintos conteúdos: religioso, cultural, moral e social; cosmovisões distintas e relações de parentesco específicas. Um olhar minucioso sobre cada uma dessas regiões apresentará as diferenças nítidas que existem entre elas.

O deserto, por exemplo, devido à dureza da vida cotidiana, falta da vegetação, escassez de comida, medo dos ataques do eventual inimigo e a própria instabilidade provocada pela amplidão geográfica exige a elaboração de uma cultura nômade que busca estabilidade. Essa realidade levou os nômades a elaborarem um conteúdo religioso que apresenta Deus como transcendente, distante e tremendamente exigente de fidelidade e submissão de seus fiéis. O sofrimento cotidiano levou o ser humano considerar o céu azul como morada de Deus e como um plano visto como lugar de tranquilidade. No deserto o tempo é linear, a lua é o elemento masculino e sol, o feminino. A vida após a morte é sustentada pela crença na ressurreição, pois não há retorno ao sofrimento do cotidiano.

A terra fértil, por outro lado oferece plena abundância: de vegetação, água e comida. A tendência é de fixação geográfica, e os seres humanos possuem mais tranquilidade e paz. A vegetação permanente e a produção agrícola possibilitou a construção de um universo religioso em que o divino é concebido como imanente e próximo, exigindo dos homens uma relação harmônica. O tempo é cíclico, o sol é masculino e lua, feminina. A morte não é definitiva, pois o retorno é possibilitado pela crença na reencarnação - a abundância da terra atrai o retorno.

O modo de sobrevivência nas regiões montanhosas dependia dos rebanhos (gado ou ovelhas) nas estepes e/ou do cultivo de algumas árvores frutíferas. Essas regiões privilegiam o aspecto romântico nas relações humanas - o sol e a lua, brilhando soberanos e ocultando-se entre as montanhas, assemelham-se aos amantes em jogos eróticos.

As regiões litorâneas ofereciam fartura alimentar, que era obtida desde que fossem ultrapassados os perigos do mar. Também evocavam, cotidianamente, a divindade da esperança – nos cardumes, no retorno para casa – e a saudade dos que ficaram em terra ou seguiram para as águas. A partir disso, percebe-se, nesse ambiente, certo apego à divindade para invocar proteção frente aos perigos. Observamos, nos cantos das religiões afro-brasileiras, muitas referências a “Luanda” (“Terra de Origem”), assim como referências a imagens marítimas. Em Portugal, é poderoso no imaginário popular o mito de Dom Sebastião, que voltará pelo mar.

As florestas ofereciam a fartura da comida das árvores frutíferas e, ao mesmo tempo, a ameaça constante dos animais selvagens. A densidade, as sombras e a riqueza de sons evocavam certa crença na existência dos espíritos florestais e elaboravam uma convivência harmônica nascida do medo que esses seres inspiravam.

No planeta Terra há outros tipos de ambientes - como as regiões frias da Sibéria, o gelo da Groenlândia e os altiplanos de Bolívia e Patagônia - que também engendraram religiosidade e que não serão contemplados neste texto. O propósito, aqui, é apresentar o impacto da Geografia na construção de diversos conteúdos de tradições religiosas.

Com o passar dos anos, fatores históricos e culturais deslocaram os conteúdos originalmente “geográficos”, localizados, para outras regiões. O choque de perspectivas, aliás, deu causa a guerras e mesmo à extinção de visões e sistemas religiosos. Na modernidade, também os deslocamentos de base econômica (migrações) fizeram que, com maior ou menor sucesso, visões diferentes convivessem harmonicamente no mesmo espaço geográfico. O Brasil, antes um país predominantemente católico, hoje está promovendo essa convivência no âmbito escolar a partir do Ensino Religioso. Podemos observar que as religiões originárias do deserto e da terra fértil possuem o maior número de adeptos na atualidade.

Vale a pena observar também outro fenômeno, o da diversidade étnica. O continente africano é berço de seres humanos de cor escura, fisicamente mais fortes, que acabaram dominados no contexto da colonização e levados a outras regiões do mundo em um contexto de escravidão. O continente europeu apresenta seres humanos de cor branca que, nos séculos XIV e XV, colonizaram o mundo subjugando outras culturas e tradições e também implantando sua tecnologia. O continente asiático - visto como berço da raça amarela, com suas variações específicas como árabes, mongóis, chineses, arianos e dravidianos -

predominantemente desenvolveu suas culturas nas regiões de terra fértil. A princípio, encontramos dificuldades para explicar essa diversidade racial, mas a lenda da cultura árabe apresentada por Gheorgheu parece resolver o problema.

Contudo os árabes dizem que o anjo Gabriel, enviado pelo Senhor à terra para levar a argila necessária para a confecção do homem, não levou quantidade suficiente. O senhor então enviou o anjo Miguel, mas também este não levou argila suficiente do planeta Terra. Então, o senhor enviou um terceiro anjo – o anjo da morte – que levou finalmente a argila necessária para poder modelar o homem. Deus tinha, pois, três espécies de argila, trazida por três anjos diferentes, por isso os homens não podiam ser parecidos. Uns eram de argila negra, outros de argila vermelha e outros de argila clara como o caulino de que é feita a porcelana. Mas não há só diferença de cor. As qualidades não as mesmas. Há a argila salgada da beira mar; a argila fértil, a argila amarga e a argila doce. E assim uma humanidade variada saiu das diferentes matérias primas. Mas o homem saiu das mãos do mesmo Escultor e foi criado a partir da mesma imagem. (GHEORGHEU, 2003, p. 101)

A migração é uma característica da espécie humana, especialmente em período mais recuados de sua história. A partir desses movimentos, os grupos foram se adaptando aos elementos e à geografia, em primeiro lugar para sobreviver e, mais tarde, para instalar e viver sua religião e sua cultura. A adaptação ao meio levou à diversificação da produção de alimentos: agricultura, agropecuária, piscicultura e cultivo de árvores frutíferas. Ela promoveu, também, tradições culturais como as da culinária, arte, arquitetura e vestuário. Ao mesmo tempo, promoveu e enriqueceu as tradições religiosas.

1.1 FENÔMENO RELIGIOSO: UNO E MÚLTIPLO

Apesar da diversidade das regiões geográficas, observamos nas tradições religiosas muitos elementos comuns, assim como elementos divergentes. Em primeiro lugar, a busca do sagrado que entendemos como fenômeno religioso é algo universal e comum, independente da diversidade na paisagem geográfica. Um único fenômeno, captado e percebido de forma plural de acordo com as diferentes regiões, produz respostas diferentes, que dão a origem às múltiplas tradições religiosas. A pluralidade dos conteúdos, à primeira vista, pode apontar para a pluralidade das fontes; também pode ser analisada de dois modos: os seres humanos de diversas regiões geográficas veem a “Fonte” de forma variada, conforme sua região, ou a única “Fonte” apresenta-se sob múltiplas formas aos seres humanos de regiões diferentes. Nesse contexto está a semente do fenômeno religioso: uno e múltiplo. Percebemos dessa forma que a verdadeira religião é da ordem da experiência e da intuição, como registra Radhakrishnan:

Embora crenças intelectuais arraigadas separem uma religião da outra, o Hinduísmo não atribui tais limites. O intelecto está subordinado à intuição, o dogma à experiência, a expressão externa à visão interna. A religião não é a aceitação de abstrações acadêmicas nem celebração de cerimônias, mas uma espécie de vida ou experiência. Ela é a percepção da natureza da realidade (darśana) ou experiência da realidade (anubhava). (RADHAKRISHNAN, 1971, p. 13)

É verdade que intuição e experiência da mesma realidade são percebidas sob prismas diferentes, mas notamos que, apesar das diferenças, certos princípios espirituais, sociais e morais são comuns a todas as religiões. Alguns antropólogos são de opinião de que o *dharmā* (lei, dever, em sânscrito) ou a moral mais importante em todas as tradições religiosas aponta mais para a ortopraxis, ação correta, do que para a ortodoxia, crença correta. Assim, o *dharmā*, de modo geral, é considerado a essência de todas as religiões.

Outro aspecto a ser notado são os modelos através dos quais as pessoas tentam entender e explicar o pluralismo, dando origem a várias imagens. Como observa Amaladoss: “Alguns diriam que a realidade Suprema é a mesma, embora seja chamada de nomes diferentes. Os hindus chamam Deus de Íśvar; os muçulmanos invocam Alá. Os cristãos falam de Javé. Todavia, esses nomes referem-se a uma única e mesma realidade, a saber, Deus” (AMALADOSS, 1995, p.183). Nessas semelhanças e diferenças encontra-se a semente da inquietação de toda a filosofia indiana: estabelecer a unidade na diversidade e a diversidade na unidade. Essas diferenças e semelhanças são os avisos constantes de que, não importa qual crença abracemos, somos todos viajantes na busca da verdade.

Se todos, como viajantes buscando a Verdade Suprema, somos condicionados pela região geográfica, vem à tona outra pergunta: por que estamos buscando essa Verdade? Essa busca perene dá origem ao que chamamos de *fenômeno religioso*. A noção de Deus está presente em todas as regiões geográficas, mesmo com percepções divergentes - não há ser humano sem pensamento religioso, esteja ele onde estiver. Apesar disso, existem fatores comuns a todas essas regiões, partilhados universalmente como próprios da condição humana: as experiências da solidão e do conflito.

1.2 A EXPERIÊNCIA DA SOLIDÃO

Uma das primeiras percepções da condição humana é a da solidão. Nascermos sozinhos, crescemos na multidão - ainda assim, sozinhos -, adoecemos, envelhecemos e morremos sozinhos. Ninguém pode substituir minha doença, velhice e morte, como nos lembra o Budismo. Citando a obra *The Politics of*

Experience, de R. D. Laing (1967), Kapferer afirma que “A fenomenologia considera a solidão como base fundamental da existência humana, direciona sua atenção numa forma analítica para os processos dos quais os indivíduos superam ou transcendem sua solidão no mundo e vêm a partilhar sua experiência com os outros” (KAPFERER, 1986, p. 188).

De modo geral, sabemos que é impossível vivenciar a experiência do outro. Todas as culturas oferecem aos indivíduos diversos mecanismos para viver sua experiência compartilhada com os demais. A cultura media as experiências dos indivíduos, conferindo-lhes caráter universal, ou seja, os indivíduos vivenciam sua experiência pessoal e ela é refletida na cultura. Desse modo, paradoxalmente, percebe-se que “a tua experiência se transforma na minha, eu vivencio minha experiência de ti. As expressões reveladas na tua face, no gestual organizador do teu corpo através do encontro de nossos olhares, são experimentadas através do meu corpo e minha situação” (KAPFERER, 1986, p. 189). Nota-se um movimento de ir e vir, dinâmico, constante e consistente que leva os indivíduos a produzirem experiências admiráveis, serem admirados, manifestar calma ou indiferença, alegria, tristeza, orgulho ou humilhação.

A experiência da solidão e o desejo de sair dela induzem o indivíduo a procurar os meios dentro de uma dada cultura. A solidão também pode ser interpretada como a ausência do outro. Procuro o outro para preencher minha experiência da ausência. Percebemos aqui mais uma faceta do diálogo: a de rota de fuga da solidão. Para isso, a cultura coloca à disposição do indivíduo diversos mecanismos: amizades, relações, casamentos e outros métodos. Na esfera religiosa, também podemos aplicar essa definição do diálogo como oposto à solidão. O indivíduo experimenta a ausência da divindade e a preenche com oração, ritos e outros meios. Assim, percebemos que a resposta à solidão sempre é um movimento em direção ao outro, quer estejam os interlocutores na mesma esfera (relação intersubjetiva), quer em planos diferentes (relação Homem-divindade).

1.3 A EXPERIÊNCIA DA DUALIDADE OU DO CONFLITO

O ser humano não é uma ilha. Para que haja uma convivência harmônica entre os seres humanos são estabelecidas regras, que podem ser de dois tipos: sociais ou individuais. As regras sociais são baseadas nos conceitos de obrigações e proibições. O surgimento da dualidade ou conflito está ligado à quebra dessas regras, sejam individuais ou coletivas. A sociedade ou a comu-

nidade punem o indivíduo quando este quebra uma regra coletiva, e o indivíduo, quando viola uma regra individual, procura redimir sua culpa através de ritos ou outros meios. Um exemplo da transgressão a uma regra coletiva é o terrorismo. O terrorismo quebra a regra universal do respeito à vida quando desconsidera o valor (ou reduz a importância diante de outros valores) da vida humana. Um exemplo de quebra da regra individual é o sentimento interior de culpa por ter praticado um ato sexual fora dos padrões estabelecidos pela sociedade como lícitos ou moralmente aceitáveis (fazer sexo com uma prostituta ou com uma mulher casada que não seja a sua própria, por exemplo). Enquanto a sociedade estabelece o diálogo do antagonismo ou do acordo (punição e reconciliação com o grupo), o indivíduo estabelece o diálogo consigo mesmo, através de ritos ou formas de austeridade (confissão, autopunição e expiação da falta).

Durkheim observa que “[...] (os fenômenos religiosos) pressupõem uma divisão bipartida do universo conhecido e conhecível em dois gêneros que compreendem tudo o que existe, mas que se excluem radicalmente” (DURKHEIM, 1989, p. 72). Acompanhando o raciocínio de Durkheim, a Filosofia Chinesa também afirma que uma lei de opostos governa o Universo. Todas as coisas trazem os dois pólos em si e, se assim não fosse, a existência não seria possível. Segundo essa tradição, o mundo é resultado de jogo dinâmico de dois princípios, antagônicos e complementares, *Yin* e *Yang*.

Todas as condições estão sujeitas a se transformarem em seus opostos. Todos os opostos que alguém experimenta (saúde e doença, riqueza e pobreza, poder e submissão) podem ser explicadas em referência ao domínio temporário de um princípio sobre o outro. Uma vez que nenhum princípio domina eternamente, isso significa que todas as condições estão sujeitas à transformação em seus opostos⁶.

Essa dualidade também pode ser vista na análise proposta por Hertz no início do século XX (1909), quando investigou as diferentes características dos lados direito e esquerdo do cérebro e seu significado nas diferentes culturas. O argumento de Hertz era de que os lados direito e esquerdo poderiam ser associados de forma consistente com o sagrado e o profano. A preeminência da mão direita indica que ela é usada para os ritos e as execuções das tarefas puras. As tarefas impuras são deixadas para a mão esquerda, que também é

⁶ Trecho extraído de texto apresentado pela Irmã Cecília na oficina “Diálogo Profético”, realizada em Roma no mês de maio de 2004.

associada aos atos de lidar com os demônios, feitiçaria e magia. Nas religiões afro-brasileiras, por exemplo, as entidades de caráter moral ambíguo, superficialmente associadas ao Mal, são chamadas “da esquerda”.

Nos campos moral e espiritual a experiência da dualidade é expressa sob diversas formas, como culpa, ignorância, impureza, maldade, imprudência ou quebra de regras e tabus. Como afirma Burkert,

começa com a falta ou o erro original, quer a infração de um tabu, quer a violação da lei, da ordem ou da moralidade, quer apenas alguma ação precipitada e imprudente; explica como, em consequência, o mal se manifesta; depois, descreve o modo como foi finalmente ultrapassado, através dos meios apropriados (1996, p. 151).

Essa busca dos meios apropriados indica que o indivíduo está pronto para iniciar um processo de reparação para estabelecer a paz e harmonizar-se com a experiência da dualidade.

Esse conflito experimentado constantemente na vida cotidiana é visto como o principal bloqueio para se chegar a uma união com o divino. O Hinduísmo enfatiza que a dualidade é resultado de *maya*, a ignorância, e pode ser superada com o conhecimento correto ou o serviço devocional; o Taoísmo ensina que o conflito surge devido à falta de equilíbrio entre os elementos opostos (*Yin* e *Yang*). O Budismo, por sua vez, aponta o desejo como causador do conflito; o Islã, a infidelidade. Enquanto para o Budismo é possível alcançar o Nirvana por meio da cessação dos desejos, para o Islã o caminho da redenção reside na fé inabalável em Alá. A tradição mítica judaico-cristã afirma que quando o Homem comeu o fruto da árvore que estava no meio do Jardim do Éden é que teve início o conflito, e que a forma de resolvê-lo é, nas palavras do escritor inglês C.S. Lewis em uma carta ao monge Bede Griffiths, onde ele afirma: “Quando tudo é dito (e verdadeiramente dito) sobre as divisões do Cristianismo, resta pela misericórdia de Deus uma base comum imensa. Basta distanciar-se daquela árvore que se encontra no meio do jardim” (LEWIS apud BOULAY, 1998, p. 80).

2 CONTEXTOS MÍTICOS, HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS

Apresentando solidão e dualidade como possíveis fatores-chave para o surgimento do fenômeno religioso, gostaríamos de abordar os dois universos específicos: a região árida do Oriente Médio e as regiões férteis da Índia e da China.

2.1 REGIÕES ÁRIDAS DO ORIENTE MÉDIO

O Oriente Médio é a região onde a Ásia e África se encontram, a meio caminho entre o Mar Mediterrâneo e Oceano Índico. Essa fantástica intersecção deu origem às três grandes tradições religiosas ocidentais: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Trata-se de uma região de deserto, onde a seca impede o crescimento de qualquer vegetação mais robusta que as sarças indicadas pela Bíblia. Tudo é árido, os picos são vazios e nada recobre as rochas. Somente os poucos rios e as raras chuvas fornecem certa umidade, que possibilita a produção de pastagem. Ocasionalmente algumas árvores criam raízes e seus galhos oferecem comida para rebanhos de cabritos e ovelhas. Em alguns lugares – como os oásis, os deltas e os pontos de transição para outros tipos de terreno –, há vegetação normal sob a forma de tamareiras palmeiras, que oferecem um pouco de sombra aos nômades do deserto.

Além disso, percebemos que o Oriente Médio também é uma área de grande atividade sísmica, incluindo o mar Morto, a região mais baixa do planeta. Segundo Nilton Bonder, “todas as regiões do mundo com movimentos tectônicos são, da mesma forma, regiões de alta espiritualidade: o Oriente Médio, a Califórnia, os Andes, o México, o Himalaia. As áreas geologicamente instáveis ativam no ser humano a necessidade espiritual.” (BONDER, 2008: 33). Outro aspecto importante no desenvolvimento e organização de sistemas religiosos em regiões de grande aridez está na experiência do ser humano com o deserto. Como afirma Gheorgheu:

No deserto, não existe obra humana ou natural que prenda a atenção, o pensamento ou o desejo dos homens. Nada pode distrair o homem da contemplação e da eternidade. O homem está permanentemente em contato com o infinito, que começa a seus pés. Quando o homem encontra Deus no deserto, fica-lhe fiel. (p. 8)

A fé em Deus se enraíza mais fácil e profundamente no deserto, que obriga o grupo ao nomadismo. Como não podem fincar raízes na terra, os nômades fixam-se no passado, na sua árvore genealógica. Dentro desse contexto fundamental está o desenvolvimento de conteúdos do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.

O Judaísmo é uma religião da aliança entre uma terra “sagrada”, um Deus e um povo. É, em síntese, a religião dos que se sentem herdeiros dessa terra (originalmente Yehude significava ao mesmo Judaíta, “do país de Judá”, e “que rende graças a Deus”). Suas raízes estão nos Heber, os antepassados de Abraão.

Eram chamados *habiru* ou, segundo a raiz aramaica, *ḥrri*, isto é, “os do outro lado do deserto (arábico-sírio)”. Eram pastores que vagavam, guiados por seus patriarcas, da Caldeia (no atual Iraque) ao Egito, passando pela Palestina. Sua origem se situa há provavelmente 2500 anos a.C. na Mesopotâmia, em torno de Ur (Caldeia), então colônia síria. A muitas vezes trágica história dos judeus não os impediu, contudo, de permanecer fiéis à religião de seus antepassados, estabelecida por Abraão e Moisés na Palestina dos séculos XIX e XIX a.C.

O Cristianismo é a religião dos que acreditam que Jesus Cristo é o Filho de Deus, que viveu como ser humano (com suas dores e dúvidas, mas com uma profunda coerência) morreu e ressuscitou para anunciar ao povo a boa nova da salvação. Os cristãos estão convencidos de que o próprio Deus quis se dar a conhecer e mostrar que escolheu um dos povos da terra para fazê-lo seu porta-voz, seguindo-o e amando-o de modo todo especial. Historicamente, percebe-se que Jesus pertencia à tradição judaica, carpinteiro de profissão e pregador excepcionalmente talentoso. Nascido em Belém – então uma pequena cidade não muito distante da capital Jerusalém - de modo misterioso e miraculoso, por intervenção direta de Deus, sob a forma do Espírito Santo.

A mais jovem das “Religiões do Livro”, o Islamismo apresenta três partes: Islã, Imã e Islah. Islã significa “submissão”, submissão ativa do muçulmano à vontade de Deus. Imã é uma questão pessoal da fé, a crença no que Deus ensinou; e Islah significa ser correto, interiorizar os mandamentos divinos para que eles possam formar e expressar uma vida de bondade e correção. Apesar da codificação da doutrina realizada pelo último profeta, Mohammad, entre 610 a 632 d.C, as raízes do Islã também estão em Abraão. Segundo a tradição muçulmana, o primogênito de Abraão, Ismael, é o primeiro representante específico do povo que, posteriormente, viria a ser conhecido como muçulmano. Abraão ou Ibrahim foi, porém, a primeira pessoa a se submeter à vontade de Deus, então ele era o primeiro muçulmano na Terra. A crença e a prática islâmica têm duas fontes: O Alcorão e o Hadith. O Alcorão é a Escritura do Islã. O Hadith são os ditos, feitos e decisões de Maomé.

O ambiente desértico levou as três tradições religiosas referidas nos parágrafos acima a apresentarem seus conteúdos em duas vertentes. A primeira é o reconhecimento da impotência humana face à vastidão e à dureza do deserto. O Judaísmo reconhece sua impotência a partir da “aliança” e da “fidelidade”; o Cristianismo, a partir do reconhecimento de Jesus como “Filho de Deus”, e o Islamismo a partir de total “submissão a Alá”. A segunda vertente seria

um elevado investimento no Deus Transcendente, visto como todo poderoso e distante - Aquele que oferece proteção e salvação ao mesmo tempo em que exige fidelidade e submissão por parte dos seres humanos.

2.2 REGIÕES FÉRTEIS DA ÍNDIA E DA CHINA

As regiões geográficas da Índia e China são em geral caracterizadas por variadas atividades agrícolas desenvolvidas às margens de grandes rios. Os dois países possuem todas as paisagens geográficas anteriormente citadas: desertos, litoral, montanhas (as mais altas do mundo), florestas e regiões férteis. Mas a paisagem que mais alimentou o imaginário religioso de ambos os países foi a das terras férteis.

Na Índia, por exemplo, os aspectos geográficos tiveram grande influência na construção do Hinduísmo e na elaboração dos seus conteúdos religiosos, morais e espirituais. A religiosidade hindu apresenta seus complexos rituais que foram desenhados conforme as metáforas das relações entre a montanha e a planície, picos nevados e beiras de rios, como apresenta Abhishiktananda:

Contemplando os grandes picos do Himalaia, o cume do mundo, a tentativa suprema da terra para alcançar os céus! Eles se jogam no vasto firmamento como se estivessem prontos para receber as águas que foram faladas no livro do Gênesis, para captá-las e jogá-las na terra, primeiro como correntes torrenciais abrindo espaço ao lado das montanhas, mas logo em seguida como os rios tranqüilos nas regiões planas tornando-as férteis aos seres humanos. [...] Ali está um mundo inacessível, do qual vem o ser humano e para qual ele retorna, encontrando o mundo abaixo (inferior) no qual por um momento recebe ordens de como lidar com sua vida terrena (ABHISHIKTANANDA, 1974, p. 138)⁷

Inúmeros mitos foram elaborados a partir dessa imagem da região geográfica. Eis um deles:

O Ganges é um rio celestial. Shiva, o deus do Himalaia, por excelência, recebe suas águas graciosas em sua cabeça, em nome dos seres humanos, e permite que essas águas fluam ao longo de seu corpo. Shiva é o asceta que medita nas cavernas e nos picos do Himalaia, indo cada vez mais fundo para dentro de si, sempre alcançando o paraíso

⁷ Behold the great peaks of the Himalayas, the summit of the world, the supreme attempt of the earth to reach up to the heavens! They thrust themselves high into the skies as if to obtain from above the waters spoken of in Genesis; to seize them and pour them back on the earth, first as rushing torrents which cleave the sides of the mountains, but soon as placid rivers winding across the plains and making them fertile for men. [...] There the inaccessible world, from which man comes and to which he is returning, meets the world below where for the moment man is ordained to lead his earthly life.

no interior de si mesmo, até atingir a fonte do SER e passar (aos seres humanos) sua Presença (p. 138).⁸

As margens do rio Ganges abrigam sete cidades sagradas, simbolicamente sete lugares para a purificação dos peregrinos antes da chegada aos picos do Himalaia. Nas férteis margens do Ganges, a vida flui ininterruptamente. A vegetação é abundante. Ali as mulheres dão à luz, e ali os cadáveres são cremados e as cinzas lançadas às águas, para que sejam dissolvidas. Nas margens do Ganges as pessoas também se dedicam ao cultivo e aos negócios; silenciosamente, se agacham e meditam no Absoluto. O Ganges simboliza, assim, o Divino, que passa por nossas vidas tornando tudo vivo e florescente; significa o fluxo contínuo da divina graça em nossas existências, e suas inúmeras expressões (WILFRED, 2002: XII-XIII). No entendimento dos hindus, os picos do Himalaia - principalmente o de Kailash - são a morada de Deus; as margens do Ganges, a morada do ser humano. Mutuamente atentos um ao outro, Deus e humanidade estabeleceram a relação espiritual chamada hoje de Hinduísmo.

O Hinduísmo é considerado a mais antiga das religiões vivas da humanidade. Atualiza-se permanentemente através das novas roupagens oferecidas por mestres espirituais que vivem na Índia ao longo dos séculos. A palavra *hindu* foi inventada pelos muçulmanos para manter a pureza de sua raça e crença. A etimologia da palavra é reveladora: *hi* significa *violência*, *du* significa *longe*. O hindu é aquele que está, pois, longe da violência. O Hinduísmo não surgiu a partir de um único fundador como o Cristianismo, Budismo ou Islamismo. É uma coletânea da sabedoria de diversos mestres, em sua maioria anônimos. Sendo de origem obscura, seu nome original é *Sanathana Dharma*, que significa a *Religião Eterna*. Por esta razão, a grande maioria dos hindus na Índia considera o Hinduísmo como desprovido de origem ou fim. Por outro lado, os cientistas da religião, historiadores e antropólogos procuram estabelecer um possível período para sua origem histórica e desenvolvimento. Os ícones das divindades encontradas na região do vale do Indo, assim como os resquícios de práticas ritualísticas e os importantes sítios arqueológicos das cidades de Mohenjo-Daro e Harappa (situadas no atual Paquistão) apontam para a exis-

⁸ The Ganges is a heavenly river. Shiva, the god of the Himalayas, par excellence, receives its waters of grace on to his head, on behalf of men, and allows them to flow down the whole length of his body. Shiva is the ascetic who meditates in the caves and on the peaks of the Himalayas, always going deeper within himself, always higher into this heaven within, reaching the source of Being and passing into the Presence”

tência da civilização dravidiana no noroeste da Índia por volta de 3000 a.C. Essa cultura reverenciava uma divindade conhecida como *Pashupathi*, “Senhor do Gado”, e os pesquisadores vêem aí as origens do Shivaísmo (por volta do ano 2500 a.C.). Em seu próprio nome, a divindade Pashupathi evidencia claramente a relação entre a religião e o meio – ele é, acima de tudo, provedor; é, também, o meio no qual os antigos drávidas um dia se instalaram.

O Budismo também tem suas origens na Índia. Da mesma forma, também encontra suas raízes na construção dos vínculos com os fenômenos da natureza. Dois dos conceitos mais importantes da doutrina budista são *Anatman* (Negação do ego) e *Anichha* (Transitoriedade ou Impermanência); eles apontam para a tendência humana ao desejo e ao apego. A região de Bodhgaya (no atual Estado indiano de Bihar), onde Sidharta Gautama passou por seis anos de isolamento para chegar à Iluminação, é uma região agrícola muito fértil situada na bacia do rio Ganges. O ego nasce do desejo de acumular os bens que materializados, em um primeiro momento, na fartura de grãos que afasta a fome no futuro de curto e médio prazo. A transitoriedade é percebida em uma cosmovisão de corte circular, na qual o perene “nascer x crescer x morrer” das plantas ocupa um lugar de destaque. A partir dessa observação se deduz que toda a existência e fenômenos do mundo estão em constante mutação e não permanecem iguais, mesmo por um momento sequer. Tudo morre ou se esgota, e essa perspectiva é a verdadeira causa do sofrimento. A eliminação do sofrimento encontra-se em saber o processo pelo qual construímos o desejo, na compreensão da transitoriedade dos fenômenos naturais.

As religiões chinesas, por outro lado, abrangem um universo mais amplo, incorporando filosofias e religiões diferentes, entre os quais três se destacam: Confucionismo, Taoísmo e Budismo. Por força dessa tripla presença, o país também é conhecido como a “Terra dos Três Caminhos” ou em chinês: *San-chiao*.

O Confucionismo, tradicionalmente chamado como *Ju Dii*, a doutrina dos sábios ou culto dos filósofos, foi fundado por Confúcio (séc. VI-V. a.C.). Ele segue a ética e os ritos de passagem e, ao mesmo tempo, busca criar e praticar a ordem e a harmonia na sociedade.

Concebido pelos filósofos místicos chineses entre os séculos VIII e V a.C., o Taoísmo procura compreender a relação do ser humano com a natureza. O Taoísmo filosófico e arcaico não é uma religião formal nem uma filosofia estruturada⁹, e seu conteúdo religioso somente pode ser compreendido através

⁹ A institucionalização do Taoísmo se deu, porém, ao longo do tempo. Isso pode ser visto, por

da iconografia de que é imensamente rica, ambígua e, ao mesmo tempo, de profundo valor simbólico.

A contribuição da região fértil na construção do conteúdo religioso dessas duas tradições chinesas encontra-se na compreensão do universo cosmológico chinês, que abrange três planos: em baixo – reino dos mortos; o meio – mundo dos vivos; no alto – o lugar dos ancestrais e dos deuses. Esses três universos são mutuamente dependentes e neles os mitos e os ritos são engendrados; ritos e mitos, aliás, que têm em figuras como o céu, o trovão, o vento, o sol, a lua e as estrelas seus elementos; que também tomam como referência os animais, os rios e montanhas, os cinco elementos (água, fogo, ar, madeira e metal), apontando para a conclusão lógica: a profunda influência do meio geográfico sobre as religiões sínicas.

3 PARALELO ENTRE AS MATRIZES DO DESERTO E DA TERRA FÉRTIL

Traçar paralelos entre dois universos geográficos distintos não é tarefa fácil. Devido à facilidade nas comunicações e à possibilidade de visitar tais regiões, porém, nos utilizamos tanto de recursos bibliográficos quanto do imaginário. Se as condições geográficas inspiraram as culturas, também os universos religiosos surgiram da experiência empírica influenciada pelo ambiente. As experiências empíricas do universo religioso das regiões do deserto e da terra fértil dominaram o mundo e construíram seus próprios modos de construir a religião. R. H. Blyth ressalta a relação entre o meio físico e a religiosidade:

Na Índia, o povo foi abismado pela Natureza, e procuraram, para escapar da vida cotidiana na vida sublime, o outro mundo, sem paixão, quase numa condição de ausência de vida. Todas as coisas deste mundo para eles era maya (ilusão), a princípio vazia e causa dos desejos no ser humano, desejo que é a raiz de todo o mal. Na Judéia, onde a Natureza não foi tão bondosa, o ser humano foi realmente grato pelo pouco que recebeu, e atribuía a Deus seus próprios sentimentos. “E ele viu que era bom”. O Judaísmo firma-se dizendo sim, o Budismo, dizendo não. (1974, p. 14)¹⁰

exemplo, na instalação de um clero taoístapoderoso em diversas cortes chinesas e na existência de complexos de devoção como o de Wudang, em Hubei. Em tempos recentes – no século XX – tem-se, inclusive, o surgimento de expressões de um “Neotaoísmo” em regiões como a de Taiwan.

¹⁰ In India, people were overwhelmed by Nature, and sought to escape from the excess of life into a sublime, other-worldly, passionless, almost lifeless condition. All the things of this earth were to them maya (illusion), in themselves empty, and the cause of fruitless desire in man, desire which is the root of all evil. In Judea, where Nature is not so kind, man was correspondingly grateful for the little he received, and attributed to God his own feelings, “And he saw it was good”. Judaism is yea-saying, Buddhism is nay-saying.

De fato, percebemos que os textos sagrados privilegiam certos aspectos da divindade. No Judaísmo é notória a metáfora de Deus como sopro ou vento, que indica certa predominância das imagens ligadas ao ar. Como menciona Blyth no trecho acima, é bastante desenvolvido o sentimento de gratidão pelo pouco que o meio natural lhe oferece. Na região do deserto, o ser humano se considera inferior, incapaz de se salvar devido a sua condição vulnerável, depositando toda sua esperança de salvação no divino, que se encontra acima. Para tal finalidade, elaborou-se o conceito da *redenção*: para se redimir é necessário que alguém venha de cima - o “Messias”, “anjo”, “filho de Deus” etc.

Nas religiões indianas e chinesas, em contrapartida, o apelo sensorial é muito grande, a biodiversidade é rica, os sentidos são o tempo todo estimulados por cores, cheiros e por grande variedade de sabores. O indiano e o chinês buscam então um repouso de tudo isso na meditação, contemplação, no vazio, no silenciar da mente. O divino se encontra em cada elemento da natureza, imanente, mais próximo; o conceito da *libertação*, portanto, é desenvolvido, pois cada indivíduo deve se libertar sem ter auxílio de outrem.

Enquanto a região fértil promove a estabilidade e a possibilidade de fixação de grupos sociais em um único lugar, o deserto obriga ao nomadismo. A região fértil promove as atividades cotidianas ao redor do sol, pois o considera masculino, enquanto a feminilidade é atribuída à lua. O deserto considera o sol como do gênero feminino e a lua, que traz o frescor da noite, como do gênero masculino. Na agricultura, a dependência da luz do sol levou a desenvolver o calendário solar, enquanto a experiência ardente com o sol e da tranqüilidade com a lua levou os árabes elaborarem um calendário lunar que ainda prevalece hoje.

No campo religioso, ainda gostaríamos destacar dois elementos importantes para traçar os paralelos: o primeiro apresenta as formas pelas quais os sentidos constroem os conteúdos espirituais; o segundo aborda a construção dos conceitos do mundo imaginado que será habitado após a morte terrena. Os sentidos explorados são a visão e audição; e os conceitos elaborados, a reencarnação e a ressurreição.

3.1 VER O DIVINO, OUVIR O DIVINO

Um dos elementos mais importantes no desenvolvimento da tradição é a exploração dos sentidos. Observamos que a terra fértil enfatiza o “ver”, e o deserto, o “ouvir”.

Nascidos no deserto, o Judaísmo, o Cristianismo e o Islã dão ênfase ao

firmamento e localizam Deus nos céus distantes, chamando-o “Transcendente”. Os homens do deserto têm medo de Deus, dos espíritos e de todas as forças compreendidas como sobrenaturais. E porque querem que eles lhes sejam favoráveis ou neutros, os respeitam a todos, para não desagradar a nenhum. A existência do nômade nessa região é penosa e solitária, e está severamente subordinada ao destino. Portanto, procura incessantemente a proteção do Divino que se encontra no céu azul e se estende sobre ele, para poder enfrentar o terrível deserto que se estende a seus pés.

Pela própria mobilidade do solo, a região desértica não dá a oportunidade de construção de edifícios religiosos; mesmo se isso fosse possível, eles estariam sujeitos à inclemência da areia levada pelo vento, que tudo varre e encobre.

A cosmovisão do deserto, por sua vez, firmou-se mais na palavra e na poesia, pois o deserto não oferece variedade de imagens; toda a esperança de vida, pois, é investida ao céu, seja ele azul ou estrelado. O ser divino é considerado como Palavra, portanto o desenvolvimento da espiritualidade dessas tradições religiosas parte do ato de ouvir. Nesse caso, alguém tem que falar e o outro tem que ouvir. Falar e ouvir - a intersubjetividade -, aliás, são coisas de grande valor em um meio no qual os indivíduos possuem poucos vizinhos e um grande número de inimigos em potencial.

A espiritualidade é elaborada a partir da “fala” e da “escuta”. O divino fala de diferentes maneiras. No caso do Judaísmo, o “Torah” é visto como divino ensinamento dado por Javé ao Moisés no encontro no Monte Sinai; o Cristianismo considera a Bíblia como a palavra de Deus, e o Islã considera que o próprio Alá escreveu o Alcorão no coração do Maomé.

As regiões férteis, por sua vez, ofereciam uma condição excelente de estabilidade, convidando à fixação geográfica. Havia toda uma possibilidade de construção de algo a partir das rochas e do barro, e também sobre as próprias rochas e no solo firme. Notamos que os hindus e os chineses aproveitaram sua sabedoria de construir os templos e as imagens das divindades. As tradições indiana e chinesa consideram o divino mais imanente do que transcendente, pois Deus é visto na beleza da natureza, proporcionando mais contemplação e meditação. Ao contrário do que ocorria no deserto, o ser humano de terras mais generosas investiu mais na visão do que na audição.

As teologias oriundas da terra fértil se expressam mais pela imagem, que é elemento primordial da espiritualidade e constitui, talvez, a mais antiga

simbolização humana da presença do divino. No "ver" está compreendida uma expressão popular da terminologia hindí, a língua nacional da Índia: *Darsan déna e darsan léna* ("ver a divindade e ser visto por ela")¹¹.

3.2 REENCARNAÇÃO E RESSURREIÇÃO

Outro elemento importante quando se fala sobre semelhanças se refere aos conceitos de ressurreição e reencarnação. O deserto promove o medo do desconhecido e o sofrimento diário no processo de transumância. O desenvolvimento da ideia de três arcanjos, Gabriel, Miguel e Rafael, aparece no contexto desértico. O anjo Gabriel oferece a consolação, dando as boas notícias e elaborando a esperança de vida; o anjo Miguel oferece a proteção perante o inimigo encontrado nos deslocamentos e o anjo Rafael é o símbolo da cura. Aparentemente, Rafael era um Elemental ou divindade primitiva associada aos cactos, planta típica do deserto. No deserto também se encontram as serpentes venenosas e picadas eram comuns. O remédio imediato a essas picadas era seccionar o cacto e aplicar o suco no lugar da picada. Esse ser, mais tarde, foi anexado ao panteão dos anjos protetores.

A experiência empírica da aridez do deserto deve ter influenciado fortemente a construção do conceito de ressurreição. Uma sensação de não voltar mais ao "deserto de lágrimas" foi embutida na mente humana e, posteriormente, transformada em doutrina. Toda a tranqüilidade é vista no céu azul e estrelado. Lá é o lugar do divino, e o desejo de estar lá definitivamente era o desejo do homem do deserto. A ideia de ressurreição provem a partir da cosmovisão vertical do deserto.

A China e a Índia elaboraram, a partir de suas experiências agrícolas, conceitos religiosos como a reencarnação e a teoria do *carma* do Hinduísmo; *dubkha* e *samsara*, do Budismo; e o caminho natural das religiões chinesas. Nessas tradições não existe espaço para os anjos, pois não existe necessidade de transumância; não existe o inimigo desconhecido, portanto não há necessidade de consolação, proteção e cura. No lugar de anjos existem os espíritos, sejam da natureza ou dos mortos, para auxiliar a ou interferir na vida cotidiana.

A compreensão do conceito da reencarnação se encontra na experiência da fartura e tranqüilidade da região fértil. Recursos naturais atraentes como rios, montanhas, flores e frutas criam desejos de permanência e apego ao lugar. A par-

¹¹ Para aprofundar sobre esse assunto, conferir o livro de ECK, Diana. *Darsan: Seeing the Divine Image in India*. New York: Columbia University Press, 1985.

tir desse sentimento foi elaborada a mentalidade de “vale a pena voltar de novo para esse lugar sob condições diferentes”. Essa mentalidade, posteriormente, recebeu uma complexa conotação espiritual, que o Hinduísmo elaborou a partir do conceito do carma: essa volta pode ser vista como castigo por ações negativas praticadas na vida anterior ou como benção pelas boas ações realizadas. A ideia de reencarnação provém da cosmovisão circular das regiões férteis.

Ao longo dos séculos, por meio das migrações, os universos cultural-religiosos se encontraram e confrontaram suas diferenças, o que provocou tensões e até conflitos. Os praticantes de cada religião pensavam carregar a verdade absoluta e tentavam difundir sua mensagem em ambientes culturais diversos da própria origem. A observação do resultado dessa missionariedade leva a três conclusões: a) uma crença original assume diferentes faces em função da cultura na qual é inserida; b) em uma cultura religiosa dominante, a crença reveste-se das características da religião dominante; c) em uma cultura submissa, a crença impõe as suas características (ANDRADE, 2007, p. 223).

3.3 COMPARAÇÃO ENTRE AS ESPIRITUALIDADES DO ORIENTE E DO OCIDENTE

Seguem algumas das principais características das espiritualidades do Oriente e do Ocidente identificadas por Amaladoss. Essas características indicam as diferentes experiências das pessoas nos dois grandes pólos da humanidade. O Ocidente recebeu uma forte influência semita. O Oriente baseia-se em grande parte nas religiões que nasceram na Índia. Mas muitas características da espiritualidade das religiões indianas também se encontram nas religiões asiáticas. Ambas as espiritualidades, ocidental e oriental, têm pontos fortes e limitações. Uma profunda integração das duas enriqueceria a nossa humanidade.

3.3.1 TIPOLOGIA ORIENTAL-VÉDICA (NASCIDA NA ÍNDIA)

- Cultura Agrícola - a terra é fértil, por isso o povo não precisa ir em busca de boas terras. Fixa habitação permanente nas regiões férteis.
- Enraizamento - a estabilidade ajuda a conservar a cultura. Intimamente ligado à terra. Não é dado para a exploração.
- Cultura Matriarcal - a mãe tem espaço maior. A vida se harmoniza com o cosmos.
- O processo cíclico - a agricultura predomina e a concepção da vida

segue o mesmo raciocínio. Um levanta com o Sol... caminha com as mudanças de estações. A psique está em harmonia com a natureza.

- Conhecimento integral - a condição de totalidade e abundância é a atitude perante a vida. Da mesma forma como o sol que nasce, se põe, assim é com os seres humanos.... aquele que nasce, morre e aquele que morre, renasce (Bhagavad-Gita).
- O divino é o alicerce do Ser - o Brahma que contém todos os seres é o que cresce e expande. Brahma que está dentro de nós e além de nós. Brahma está dentro e fora, Brahma se move e é imóvel, está distante e perto. Atman é o sopro da vida. O divino é o ventre de onde todos nós viemos.
- Espiritualidade feminina - Brahma é a expressão feminina, que é o ventre.
- A oração é estar consciente da base Suprema da nossa vida: enfatiza a introspecção e o silêncio contemplativo, harmonizando o ser humano com o divino.
- A transformação individual e harmonia são importantes.
- Há um perigo - é a alienação de uma comunidade; evitar os conflitos de vida.
- O ponto de encontro é o silêncio e a calma. A espiritualidade é predominantemente mística.

3.3.2 TIPOLOGIA OCIDENTAL-SEMITA (NASCIDA NO ORIENTE MÉDIO)

- Cultura nômade - o povo constantemente se move de um lugar para outro, para lá e para cá.
- Mobilidade - é o princípio da vida. A terra não era fértil, por isso, o povo migrava constantemente, buscando novas pastagens. Alto grau de exploração e exposição a riscos.
- Cultura patriarcal - o pai que guia a família de um oásis a outro. Quem não consegue acompanhar esse movimento fica para trás, se perde.
- Processo linear - cada manhã é algo novo e desconhecido. Por isso, o senso do tempo é mais desenvolvido, e o tempo é considerado como um elemento constitutivo da vida.
- Conhecimento histórico - história e seus eventos são importantes. O conhecimento leva a progredir, conduz para frente, como a flecha, seu movimento é progressivo.

- O Senhor é o guia, no processo onde há riscos, imprevisibilidade... até o compromisso com a vida.
- Espiritualidade masculina - o Senhor é pessoal e simbolizado nos termos masculinos, como Pai, Rei etc.
- A oração é o diálogo entre Você e Eu. Os salmos expressam a aflição, gratidão, amor etc. O elemento interpessoal é muito forte.
- A oração comunitária é muito importante, ela é baseada e orientada para a comunidade.
- Perigo de alienar-se. A transformação pessoal pode ser perdida, inútil.
- O ponto de encontro é a Palavra, na Bíblia, na revelação, na oração. A espiritualidade é fundamentalmente profética, buscando e propondo a transformação da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de trilhar o caminho das regiões geográficas, especificamente das regiões férteis e do deserto, torna-se evidente que existe uma forte influência dessas regiões na elaboração do conteúdo espiritual das tradições religiosas. Os contextos históricos não deixaram nenhuma tradição permanecer em um único lugar. Na atualidade, todas as tradições religiosas provenientes de regiões geográficas distintas convivem em grandes cidades, promovendo outras discussões no campo da Ciência da Religião. A nossa tarefa neste artigo era a de apresentar o conteúdo distinto de dois universos, deserto e terra fértil, e com isso propor um caminho para a superação da desconfiança e das críticas mútuas entre participantes das tradições religiosas a eles associados.

REFERÊNCIAS

ABHISHIKTANANDA, *Guru and Disciple*, London Speck, 1974.

AMALADOSS, Michael. *Rumo à Plenitude: em busca de uma espiritualidade integral*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

_____. *Pela Estrada da Vida: prática do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1996.

ANDRADE, Joachim. *Shiva abandona seu trono: destradiconalização da dança hindu e sua difusão no Brasil*. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – PUC-SP, 2007.

- BONDER, Nilton. *Tirando os Sapatos: o caminho de Abraão, um caminho para o outro*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- BHAGAVAD – GITA, Português. *Bhagavad-Gita: como Ele é*. Tradução de Bhaktivedanta Swami Parabhupada. 2 ed. Lisboa: The Bhaktivedanta Book Trust International, 1995.
- BÍBLIA Sagrada, Edição Pastoral. São Paulo: Paulinas 1990.
- BOULAY, S. *Beyond the Darkness*. New York: Doubleday Dell Publishing Group, 1998.
- BURKERT, W. *A Criação do Sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1996.
- BLYTH, R. H. *Zen and Zen Classics, volume Five*. Tokyo: Hokuseido Press, 1974, p. 14.
- DURKHEIM, E. *As formas elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- ECK, Diana. *Darsan: Seeing the Divine Image in India*. New York: Columbia University Press, 1985.
- GOVINDA, Anagarika, *Art and Meditation: an introduction and twelve abstract paintings*. Delhi: Book Faith India, 1999.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. Paisagem Religiosa. In: *O Sagrado: fundamentos e conteúdo do ensino religioso*. JUNQUEIRA, Sérgio (org.). Curitiba: Editora EBPEX, 2009.
- GHEORGHU, Virgil. *A vida de Maomé*. Lisboa: Edições 70, S.D.
- KAPFERER, B. *Performance and the Structuring of Meaning and Experience*. In TURNER, V; BRUNER, E. *The Anthropology of Experience*. Chicago: Illinois Book Edition, 1986.
- KÜNG, Hans. *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*. Campinas: Verus Editora, 2004.
- JOMIER, Jacques. *How to Understand Islam*. New York: The Crossroad Publishing Company, 1999.
- JUNQUEIRA, Sérgio (org.) *O Sagrado: fundamentos e conteúdo do ensino religioso*. Curitiba: Editora EBPEX, 2009.
- RADHAKRISHNAN, *The Hindu View of Life*. London: Unwin books, 1971.
- STUMP, R.W. *The Geography of Religion: Faith, Place, and Space*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2008.
- WILFRED, Felix. *On the Banks of GANGES: Doing Contextual Theology*. New Delhi: Indian Society for Promoting Christian Knowledge (ISPCK) 2002.

Recebido em 26/03/2010
Aprovado em 26/04/2010